

Saussure: uma obra, muitos legados

Milton Chamarelli Filho¹

Há cento e três anos morria o fundador da linguística, o suíço Ferdinand de Saussure, e há cem anos era publicado o *Curso de linguística Geral*, compilação das aulas do linguista pelos seus alunos Charles Bally e Albert Sechehaye. Muitas críticas são feitas ao pensamento saussuriano, mas é necessário também considerar os legados que lastreiam o pensamento ocidental sobre a linguagem. Antes de discorrer sobre alguns aspectos de sua obra, quero antes me deter em falar da minha experiência como estudante do curso de Letras, nos anos 80, e da minha experiência como professor, também desse curso durante 18 anos.

Tomar contato com o Curso de Linguística Geral foi para mim, e acredito que ainda hoje seja um impacto para os estudantes de Letras. Talvez pelo fato de a obra manter-se como um pensamento seminal, mas que apresenta também, por outro lado, contradições, dadas as condições em que foi produzida. Como entender conceitos tão díspares como os de *langue* e *parole*? Como compreender a fissura do signo em duas entidades, significante e significado? O que é arbitrariedade do signo? Como conceber que a língua mude e permaneça?

Li Saussure em três momentos da minha vida: na faculdade, na primeira vez que lecionei Linguística, e quando retornei do doutorado. É natural que esta última leitura tenha sido muito mais profícua do a que fiz nas duas vezes anteriores. Pude observar, nessa minha última leitura, que, apesar das muitas críticas² que foram feitas ao Curso de Linguística Geral e à perspectiva que trouxera para os estudos da linguagem no início do século XX, o *Curso* continuava como esteio para o pensamento contemporâneo. Retomo esse ponto adiante.

Dois anos depois, já lecionando linguística, conheci a obra do professor Castelar de Carvalho *Para compreender Saussure (fundamentos e visão crítica)*. Esse livro

¹ Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2002). Atualmente é Professor Associado III da Universidade Federal do Acre.

² Críticas, sobretudo, ao princípio da homogeneidade da língua, tomada pelo Estruturalismo sem relação aos fatores históricos e externos.

tornou menos árduo as minhas voltas às páginas do *Curso*, e pude usá-lo em minhas aulas com frequência, sobretudo no esclarecimento sobre as dicotomias. Quando me recordo do livro de Castelar de Carvalho, lembro-me de sua inusitada epígrafe, na segunda edição: “A mim mesmo, que tive um trabalho dobrado de reescrever tudo isso.” (1980, p. 6). Isso mostra quão difícil era entender a obra do mestre genebrino e traduzi-lo para uma linguagem mais didática.

A necessidade de explicar Saussure adveio e advém provavelmente pelo fato de que o *Curso* era e é a inda é ensinado nos cursos de Letras e de Comunicação Social/Jornalismo³.

Como marco nos estudos sobre a linguagem, o *Curso* era a melhor reflexão sobre o estudo da linguagem, mas ainda faltava-lhe a aplicabilidade⁴, fato que, naturalmente, veio com o tempo⁵, com a repercussão da sua obra e com os desenvolvimentos pósteros das teorias que seguiram os ensinamentos lá contidos.

Saussure foi não só o precursor da linguística – diga-se de passagem, o *Curso*, na brasileira, está 27ª edição brasileira –; foi também o autor da dissertação *Memória sobre o sistema primitivo das vogais nas línguas indo-europeias*, da tese sobre genitivo em Sânscrito, e dos *Anagramas*, obra praticamente desconhecida e pouco divulgada, talvez pelo caráter exótico de que se revestiu, frente ao caráter de cientificidade que deveria existir a partir de então nos estudos sobre a linguagem.

O século XIX foi marcado pelos estudos diacrônicos da linguagem. Sob a influência da biologia evolucionista de Charles Darwin, a língua era comparada a organismos vivos e podiam, segundo o pensamento comparativista que elas podiam nascer, crescer e morrer. A influência das ciências naturais deixou outros legados, como a adoção de termos na ciência linguística, tais como “família”, “tronco” e “raiz”, usados

³ Sobretudo nas obras de Teoria da Comunicação consta um capítulo sobre Semiótica /Semiologia. Dois títulos atuais que trazem capítulos sobre o tema: Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências. Organizado por Antônio Hohlfeldt et al. Editora Vozes, e Para a aprender as teorias da comunicação, Ana Carolina R. P. Temer e Vanda Cunha A. Nery. Editora da Universidade Federal de Uberlândia.

⁴ “Linguística e ensino do português” tradução de “Linguistique et enseignement du français”, dos linguistas Emille Genouvrier e Jean Peytard, forneceu ao leitor não apenas um aplicação dos conceitos saussurianos como também daqueles já estabelecidos dentro da linguística: fonemas, morfemas e sintagmas. A tradução para o português foi elaborada pelo professor Rodolfo Ilari, da Universidade Estadual de Campinas.

⁵ Como notou Isaac Nicolau Salum, no prefácio da edição brasileira do *Curso*: “a versão portuguesa sai com apenas 54 anos de atraso.” (1991, p. XIII).

para indicar o parentesco e a filiação das línguas, a partir de critérios de cotejamento do método histórico-comparativo.

Conceber a língua como um sistema de signos, em um dado estágio tempo, foi trazer um novo objeto e método para a Linguística Geral. A língua emerge como objeto da linguística a partir de parâmetros que, ao lhe caracterizarem, dão uma organicidade à obra como um todo. Assim, observa-se que, se há uma coerência, por um lado, entre os conceitos de língua, sincronia e forma, por outro lado, há também uma coerência entre os conceitos fala, diacronia e substância.

“É o ponto de vista que cria o objeto” (1991, p. 15), diz Saussure, e, com esse princípio epistemológico é que o professor da Universidade de Genebra fundará a corrente de pensamento denominada Estruturalismo. Corrente que baseará a construção de todo edifício teórico da linguística moderna, influenciará a teoria literária, pelo grupo dos formalistas russos (EAGLETON, 2003, p. 134) e fundará, pelo pensamento de Lévi-Strauss, a Antropologia Estrutural.

O *Curso* teve ainda influência sobre a semiologia, desenvolvida por Roland Barthes, na medida em que o pensador francês faz uma transposição (dos) e aplica os conceitos da obra saussuriana a outros sistemas semiológicos, tais como o vestuário, a alimentação, o automóvel e o mobiliário (BARTHES, 1974, p. 26-34). Influi também sobre a psicanálise lacaniana, na medida em que esta toma o signo como objeto de reflexão sobre a linguagem e sobre o sujeito, ainda que por uma perspectiva diversa daquela adotada pelo mestre de Genebra.

Saussure será nomeadamente reconhecido como o pensador que fez da linguagem um constructo teórico, com objeto de estudo e metodologia próprios; mas, mais do que torná-la um campo do saber ou uma disciplina científica, alça-a à dimensão paradigmática de um tempo em o homem não é mais senhor das suas palavras, mas tributário delas (HALL, 2011, p 40). Alinha-se, nesse sentido, a outros pensadores como Karl Marx, pelo conceito de ideologia (via Louis Althusser) e a Sigmund Freud, pelo conceito de inconsciente. Não por acaso seu nome e sua obra são citados como marcos do pensamento ocidental nos estudos sobre a linguagem e sobre a cultura.

A importância de Saussure e sua obra podem ser observados pela introdução

do nome do mestre genebrino na tríplice convergência (linguística, psicanálise e marxismo (MAINGUENEAU, 1993. P. 10)) que fez emergir a Análise do Discurso Francesa, no final da década de 60, e no conceito fulcral de *descentramento*, na obra referência dos Estudos Culturais *A identidade cultura na pós-modernidade*, do pensador jamaicano Stuart Hall. Por esses motivos e, por outros já mencionados acima, atribui-se à teoria engendrada pelo *Curso de Linguística Geral* um caráter paradigmático.

Paradigmas instituem rupturas na Ciência, segundo Thomas S. Kuhn, em *A estrutura das revoluções científicas*. Kuhn utiliza o conceito de paradigma para descrever os processos pelos quais a ciência apresenta novas formas de compreensão para problemas que até então seu desenvolvimento não conseguira resolver. Segundo Kuhn: “Considero “paradigmas” as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência”. (KUNH, 1996, p. 146).

Nessa mesma perspectiva, filia-se a afirmação de Sírio Possenti (2005, p. 356) ao interpretar o filósofo francês Gaston Bachelard (1938): “[...] romper com o estágio anterior, seja ele científico, ou ainda ideológico, é condição necessária ora da cientificidade, ora da implantação de uma determinada teoria”. Saussure reuniu as duas condições, portanto, torna o estudo da linguagem científico e implanta uma nova teoria, ou melhor, uma nova maneira de ver a linguagem.

Deste modo, Saussure distinguirá língua, de fala e de linguagem: “A língua é para nós a linguagem menos a fala. É o conjunto dos hábitos linguísticos que permitem a uma pessoa compreender e fazer-se compreender.” (1991, p. 92) Ao distinguir a língua de linguagem, Saussure vê na primeira algo de essencial:

Mas, o que é a língua? Para nós ela não se confunde com a linguagem, ela é apenas uma parte dela, essencial, é verdade. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para possibilitar o exercício de tal faculdade pelos indivíduos. Considerada em sua totalidade, a linguagem é multiforme e heteróclita; cavalgando sobre diferentes domínios, ao mesmo tempo físico, fisiológico e psíquico, ela pertence ainda ao domínio individual e ao domínio social; ela não se deixa classificar em nenhuma categoria dos fatos humanos, e é por isso que não sabemos como determinar sua unidade.

Com Saussure, o estudo da linguagem altera-se vertiginosamente, a filologia perde seu espaço (o mestre genebrino reconhece na sincronia o método de estudo da

Linguística em detrimento do método histórico-comparativo, adotado ao longo de todo século XIX e início do século XX); a gramática normativa começa a ser questionada pelos seus preceitos prescritivos, na medida em que as verdadeiras regras da língua não seriam aquelas prescritas pelas formas em uso por uma determinada classe, mas sim aquelas que garantem ao falante e ao ouvinte a inteligibilidade do que estão dizendo; assim, o estudo das línguas torna-se descritivo⁶, o que equivale a dizer que elas passam a ser compreendidas como um conjunto de regras não idiossincráticas que as regem e as diferenciam.

Esse conhecimento fundamentou a construção de uma linguística imanente e fez com que, no final da década de 50 e meados da década de 60, com o linguista Noam Chomsky, fossem formulados os conceitos de faculdade da linguagem, competência linguística e conhecimento linguístico, como conhecimentos internalizados, embasados na mente.

A partir de então, os estudos sobre a linguagem ganharam outra perspectiva: fonologia, morfologia e sintaxe são tributárias das teses do *Curso*, e os vários conceitos trabalhados por elas, agora disciplinas, atestam essa filiação. Os fonemas, pelo Círculo Linguístico de Praga, a dupla articulação (monemas e fonemas), de André Martinet e os sintagmas, da gramática gerativa.

São várias as contribuições das teorias pós-saussurianas, e não haveria espaço, nesse texto, para expô-las e cotejá-las à luz dos princípios saussurianos. Vou me deter, portanto, em dois aspectos do *Curso* que estão interligados: a noção de que a língua é forma e não substância, e a noção de valor. Mas, antes, é necessário indagar sobre as concepções filosóficas que estão presentes no legado da obra do professor de Genebra.

Antecedentes

O rigor do pensamento saussuriano, ao lastrear as teorias acima mencionadas, traz consigo influências de concepções filosóficas remotas: o platonismo e o

⁶ A linguística, no Brasil, encontrou em Joaquim Matoso Câmara o principal expoente da linguística estruturalista. Seu *Estrutura da Língua Portuguesa* ainda é um exemplo de rigor teórico e competência descritiva; uma referência inicial para quem quer estudar a língua portuguesa do ponto de vista descritivo.

aristotelismo⁷.

O platonismo surge, em Saussure, a partir da “doutrina das ideias”, preceito segundo o qual

são objetos do conhecimento científico entidades ou valores que têm um *status* diferente do das coisas naturais, caracterizando-se pela unidade e pela imutabilidade. Com base nesta doutrina, o conhecimento sensível, que tem por objeto as coisas na sua multiplicidade e mutabilidade, não tem o mínimo valor de verdade e podem apenas obstar à aquisição do conhecimento autêntico. (ABBAGNANO, 1998, p. 765)

Na Teoria das Ideias de Platão avulta o conceito de um “mundo das ideias”, o mundo das ideias imutáveis, que nos daria acesso a um conhecimento verdadeiro, desde que a razão seja um instrumento para chegar-se à Verdade. Ao que se opõe o mundo dos sentidos, que nos forneceria um conhecimento falseado da realidade.

O pensamento platônico estrutura-se em dualidades que acabarão por balizar a compreensão do homem ocidental sobre a realidade: o mundo das ideias é estruturado com formas eternas e imutáveis, ao passo que o mundo dos sentidos é feito de um material sujeito a formas passageiras e mutáveis.

Assim, no *Curso de Linguística Geral*, a concepção segundo a qual a essência opõe-se à de aparência torna-se exemplar em sua principal dicotomia *langue* e *parole*. O que é a *langue* (língua) senão essência, ideal, sistema abstrato, lugar das formas perfeitas e constantes? A língua intangível e paradoxalmente acessível pela fala, ou que se faz mudar por esta? A língua que faria parte do mundo das ideias, imaterial? Ou a *parole* (fala), a aparência, ou manifestação individual, espontânea e, heterogênea, lugar onde repousaria o não sistemático ou o *caos* da linguagem?

O princípio que rege o pensamento platônico entre o imutável, do mundo das ideias, e o mutável, do mundo dos sentidos, também pode ser encontrado nas dicotomias saussurianas sincronia e diacronia, forma e substância.

Ao que corresponde o conceito de sincronia senão o de um estágio de língua, em um dado momento, ou como afirma Saussure: “é sincrônico tudo quanto se relacione com aspecto estático da nossa ciência [...]” (1991, p. 96). Por outro lado, a diacronia, não é senão as mudanças sofridas pela língua que “corromperiam” o princípio de funcionalidade sincrônica. Assim, ao comparar sincronia e diacronia,

⁷ Não há referências explícitas dessas correntes de pensamento no Curso.

afirma Saussure: [...] não se fala de lei senão quando um conjunto de fatos obedece a mesma regra, e, malgrado certas aparências, contrárias, os acontecimentos diacrônicos têm sempre caráter acidental e particular.” (SAUSSURE, 1991, p. 109).

A dicotomia forma vs. substância é o fundamento e o corolário da teoria saussuriana, por dois motivos: porque perpassa toda a construção teórica do *Curso* e porque está relacionada ao seu aspecto primordial: a Teoria do Valor. Herdada do filósofo Aristóteles⁸, a oposição pode ser caracterizada da seguinte maneira:

Forma [...] aquilo que num ser se manifesta como lhe pertencendo essencialmente. O elemento determinante que permite à matéria-prima ser “isto” ou aquilo. [...] Substância – significa, em primeiro lugar, o indivíduo concreto, o ente ou coisa – aquilo que é um e separado. (FARIA, 1991, p. 71)

O conceito de forma relaciona-se, sobretudo, ao de “essência”: Aquilo que constitui um ser como sendo tal ser e não outro. Aquilo que, portanto, identifica um ser e deve ser objeto visado pela definição. “A essência é determinada pela forma.” (FARIA, 1991. p. 71).

Ao definir a língua como objeto da linguística e ao caracterizá-la como sendo forma e não substância, Saussure assinala o fato de que a língua e seus elementos constituintes, sobretudo os fonemas, os signos etc.⁹, têm sua existência no sistema, isto, “em um lugar” abstrato, cujas partes se relacionam e que podem se atualizar pela fala, espontânea e heterogênea. As verdadeiras regras da língua não seriam, portanto, aquelas que existiriam pela sua manifestação física, mas pela sua estruturação psíquica.

Como projeto platônico de busca da verdade, e de verdade como meta de uma ciência, Saussure logrou êxito, ao fundar a Linguística, ciência que nasce, também, sob o “signo” do Positivismo, embora essa concepção se opusesse a toda especulação de caráter racionalista ou idealista, aspectos que podem ser encontrados na obra saussuriana.

O que Saussure intenta quando afirma que “a língua é forma e não substância”

⁸ Segundo H. Japiassu e D. Marcondes (2001, p. 81): Princípio que determina a matéria, fazendo dela tal coisa determinada: aquilo que, num ser, é inteligível. A matéria e a forma constituem o par central da física aristotélica. A forma é aquilo que, na coisa, é inteligível. podendo ser conhecido pela razão (objeto da ciência): a essência, o “definível”.

⁹ Lembrando que, para Saussure o sintagma pertence à parole, e não à langue.

(1991, p. 141)? Que a língua é constituída de um “equilíbrio de termos que se condicionam mutuamente” (1991, p. 141), ou seja, os termos aos quais se se refere Saussure são os signos que, ao cumprirem o papel na língua de demarcação entre o pensamento e a matéria fônica, passam a estabelecer relações de diferenças com os demais signos; donde resulta o valor de cada um frente aos demais.

Para chegar a tal conclusão, Saussure parte do princípio de que o fato linguístico seja uma demarcação, pelas “subdivisões contiguas” da língua, entre um plano de ideias confusas e um plano de indeterminado de sons (1991, p. 130), os quais compõem a língua nas suas subdivisões. Segundo o mestre genebrino:

O papel característico da língua frente ao pensamento não é criar um meio fônico material para a expressão das ideias, mas servir de intermediário entre o pensamento e o som, em condições tais que uma união conduza necessariamente a delimitação de unidades. (SAUSSURE, 1991, p. 131)

Como elemento intermediário entre o pensamento e o som, a língua passa a desempenhar um papel de convergência entre os planos das ideias confusas e o plano dos sons (ambos *substâncias*), passando com isso, a exercer sua função plena de *forma*. A forma que é a informação sobre os dois planos indefinidos e vagos.

Os conceitos de forma e substância ficam aclarados se observados pelo conceito de *entropia*, formulados, a princípio, pelo físico alemão Rudolf Clausius e desenvolvido por Claude Shannon e Warren Weaver em *Teoria Matemática da Comunicação*. Como rubrica do campo da comunicação, entropia é a “medida de desordem ou da imprevisibilidade da informação” (HOUAISS).

São entrópicas as “massas amorfas” às quais Saussure faz referência, ao instaurar a língua como mediadora entre o pensamento e o som, assim

Não há, pois, nem materialização de pensamento, nem espiritualização de sons; trata-se, antes do fato de certo modo misterioso, de o “pensamento-som” implicar divisões e de a língua elaborar suas unidades constituindo-se entre duas massas amorfas. (SAUSSURE, 1991, p 131).

Saussure vê os dois planos (“das ideias confusas e o indeterminado dos sons” (1991, p. 130)) que formam a língua como “massas amorfas”. Massas sem forma, sem essência, logo sem informação, uma vez que cabe à língua o papel mediador e delimitador dos dois planos. Talvez por esse motivo o mestre genebrino é levado a

afirmar que “o pensamento caótico por natureza é forçado a se decompor” (1991, p. 131). As substâncias dos planos das ideias e do som estão para entropia, assim como a *forma* da língua, sua essência, está para informação.

Os elementos definidores da língua, os signos, são, por natureza, diferenciais, informativos porque recortam realidades fônicas e semânticas para tornarem-se rudimentos da língua, essenciais ao seu funcionamento porque a mantêm dentro uma realidade homeostática. É esse fato que faz da língua uma rede, um sistemas cujas partes se relacionam em uma simultaneidade de tempo (*syn+ chrono*, em grego), ou seja, em uma sincronia.

A previsibilidade é constitutiva da língua, sem ela não haveria língua, logo não haveria sistematicidade. Saussure procurava a ordem naquilo que para ele constituía o heteróclito da linguagem ou a assistematicidade da fala. Ao procurá-la, reconhecia na relação de ordem presença/ausência de traços o elemento que caracterizaria o fato linguístico.

Algirdas Greimas foi quem melhor o interpretou ao escrever: “A significação [pressupõe] a existência de descontinuidades, no plano da percepção e a desvios diferenciais [...] criadores de significação. [...] Nós percebemos diferenças, e, graças a essa percepção, o mundo toma forma diante de nós [...]. Um único termo objeto não comporta significação.” (1986, p. 18) Ou seja, palavras que leio nesse momento só tomam forma porque se contrapõem à folha branca; as próprias letras em si, pelos seus traços, e as palavras podem transitar da oposição que formam em minha memória (paradigma) para contrastarem-se pelo sintagma.

O elemento significante, pela sua própria *forma*, encerra um traço definidor, ao diferenciar-se dos demais, daí ele também fazer parte de um sistema onde elementos contraem relações.

Individualmente cada elemento possui uma função que é manter sua identidade ao distinguir-se dos demais, o inverso também é verdadeiro. Cada elemento da língua tem uma função e, a partir de sua função, tem um valor.

O valor dos signos da língua decorre da oposição que dá-se antes pelo valor significativo que cada signo contrai na língua com outros signos da língua. Ou seja, o valor semântico que estabelece-se entre eles. Dessa forma, como no exemplo dado por

Saussure (1991, p. 134), em inglês, podemos falar que a carne preparada de carneiro e o animal carneiro têm duas acepções diferentes (*mutton* e *sheep* respectivamente), com dois significantes e significados distintos, enquanto, em francês, temos apenas acepção para designar os dois casos (*mouton*), ou seja, um significante e um significado.

O valor é mais do que delimitação de fronteiras entre os signos, é a garantia da sua existência. Não há signos sem valor, não há signos sem significados. Logo, o valor do signo é um valor semântico (CARVALHO, 1991, p. 62).

O valor na língua não existe senão com a função de estabelecer diferenças. A língua é o lugar das diferenças e não das homogeneidades. A língua e a linguagem não dizem o mundo por representá-lo; por esse fato Saussure, afirma que a língua não é uma nomenclatura (1991, p. 79).

É o mundo, minha cultura que diz-se pela língua que falamos. Logo, como um meta-signo, ela funciona como esse elemento de mediação entre o mundo e o pensamento. Uma ponte de intercâmbio sem fim, diga-se de passagem. Ao configurar a realidade, a língua confere formas de percepção dessa realidade. Ou seja, ontem, hoje e amanhã são “realidades” linguísticas, fazem parte de categorias que são instauradas pela língua¹⁰.

Logo, também pode-se dizer que são diferenciais e significativas. Ao reunirem ambas as qualidades, tornam-se realidades cognitivas, signos com os quais ou a partir dos quais passamos a viver em um mundo feito de linguagem.

¹⁰ Não distante desse ponto de vista, Barthes afirma não é nem reacionária, nem progressista; ela é simplesmente: fascista; pois “o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer” (BARTHES, 1977, p.7).

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução de Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia**. Tradução de Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1974.
- _____. *Aula*. Tradução de Leila de Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1977.
- CARVALHO, Castelar de. **Para compreender Saussure**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1980.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. Tradução de Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ENTROPIA. In: **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Disponível em <<http://dicionario.cijun.sp.gov.br/houaiss/cgi-bin/houaissnetb.dll/frame>>. Acesso em: 12 mar. 2017.
- FARIA, Maria do Carmo Bittencourt de. O realismo aristotélico. In: REZENDE, Antônio. **Curso de filosofia para professores e alunos de segundo grau e de graduação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/SEAF, 1992.
- GENOUVRIER, Emile; PEYTARD, Jean. **Linguística e ensino do português**. Tradução de Rodolfo Ilari. Coimbra: Livraria Almedina, 1973.
- GREIMAS, A.-J. **Semântica estrutural**. Pesquisa de método. Trad. de Hakira Osakabe. São Paulo: Cultrix, 1986.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro, 2011.
- JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário de básico de filosofia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. Tradução Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo, Perspectiva, 1996.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Tradução de Freda Indursky. 2. Campinas: Pontes, 1993.
- POSSENTI, Sírio. Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2005.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Tradução de José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 16. São Paulo: Cultrix, 1992.

SAUSSURE: UMA OBRA, MUITOS LEGADOS

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo discutir as dicotomias saussurianas *langue e parole*, *sincronia e diacronia*, e *forma e substância*, a partir do contexto histórico no qual insere a obra *Curso de Linguística Geral* e a partir dos antecedentes filosóficos presentes na obra do mestre genebrino.

Palavras-chave: Ferdinand de Saussure; *Curso de Linguística Geral*; Filosofia; Dicotomias.

SAUSSURE: A WORK, MANY LEGACIES

Abstract: This paper aims to discuss the saussurean dichotomies *langue and parole*, *synchrony and diachrony*, and *form and substance*, from the historical context in which the work enters *Course in General Linguistics* and from the philosophical antecedents present in the work of the Genevan master.

Key-words: Ferdinand de Saussure; *Course in General Linguistics*; Philosophy; Dichotomies.

SAUSSURE: UNA OBRA, MUCHOS LEGADOS

Resumen: Este artículo discute las dicotomías *langue de Saussure* y de *libertad condicional*, *sincronía y diacronía*, y la *forma y el fondo del contexto histórico* en el que entra en el ciclo en general el trabajo de la lingüística y el trasfondo filosófico presente en la obra maestra de Ginebra.

Palavras clave: Ferdinand de Saussure; *Curso de Linguística Geral*; Filosofia. Dicotomias

Submetido em março de 2017

Aprovado em abril de 2017